

HABITANTES DE GUETOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS! VOCÊS NÃO TÊM NADA A PERDER, A NÃO SER OS MUROS!¹

Sasha Weitman

RESUMO

O presente artigo apresenta uma discussão com o texto de Loïc Wacquant “Que é um gueto? Construindo um conceito sociológico”, particularmente a respeito das relações entre o conceito wacquantiano de “hipergueto” e o mais tradicional de “gueto”. A autora particularmente argumenta que, ao contrário do que se pensa, as condições extremas de exclusão social a que estão submetidas as populações habitantes dos atuais hiperguetos não as torna mais frágeis socialmente: historicamente se sabe que essas são condições propícias para a mobilização social, a que se soma um fator emergente nos últimos anos, capaz de mobilizar com sucesso populações oprimidas: o Islamismo.

PALAVRAS-CHAVE: *guetos; hiperguetos; opressão; mobilização social.*

De acordo com Wacquant, guetos são enclaves urbanos etnoterritoriais, que resultam da ação conjunta de quatro forças formativas. Três delas – perversão racial, confinamento residencial e exploração econômica – são forças exógenas impostas pela sociedade externa, enquanto a quarta – autonomia institucional – vem de forças endógenas, geradas e sustentadas por meio de recursos internos do grupo isolado. Dito dessa maneira, deve-se resistir à tentação de agrupar guetos genuínos e “guetos metafóricos” – os chamados “guetos dourados” dos ricos (por exemplo: os condomínios fechados), como também os bairros étnicos (Chinatown, Little Italy etc.) e os *slums* da classe baixa (as favelas do Brasil, as *villas miseria* da Argentina e os *banlieues* franceses). Todos eles diferem categoricamente dos guetos, na medida em que sua formação não se deu de maneira forçada pelos poderes vigentes, não incluiu estigma racial e nem sequer coerção para o desempenho de tarefas ignominiosas para a sociedade externa.

Ademais, Wacquant distingue (mesmo que com menor ênfase) guetos do que chama de “hiperguetos”, definidos pelo autor como o resultado de políticas extremas de guetização que acabam por perder os poucos aspectos positivos do gueto, em particular a capacidade de produzir

e sustentar, mesmo que com dificuldade, uma rede modesta de instituições comunitárias que atendem às necessidades básicas de seus residentes. Formações sociais do tipo hipergueto mencionadas por Wacquant incluem os campos de refugiados, reservas indígenas, penitenciárias, campos de trabalho forçado e até mesmo *gulagui* e campos de concentração nazistas. A essa lista podemos adicionar colônias de leprosos, campos de detenção administrativa, campos de prisioneiros de guerra (também chamados de centros de relocação), colônias penais isoladas, alguns asilos de loucos e instituições para deficientes mentais, entre outros. Todas essas instituições podem ser classificadas como hiperguetos, já que elas também constituem “confinamentos excludentes” (termo cunhado por Weber) cuidadosamente vigiados, nos quais as sociedades externas concentram, isolam e contêm populações tidas como indesejáveis ou piores (judeus, zulus, ciganos, indianos, *etas*, párias, leprosos, dissidentes, doidos), a fim de deixá-las indefinidamente à mingua, prepará-las para a expulsão, dizimá-las ou exterminá-las.

Mas prossigamos com a distinção entre guetos e hiperguetos.

Para Wacquant, a *differentia specifica* entre os guetos do passado e os hiperguetos de hoje reside na capacidade de produzir e sustentar uma rede de instituições locais viáveis para cuidar das necessidades básicas de seus residentes. Apesar da grande carência de recursos e da crueldade das autoridades, os guetos supostamente tinham

¹ Tradução de Zena W. Eisenberg e João Feres Júnior.

essa capacidade – esse “capital social” –, ao passo os hiperguetos carecem profundamente dela². Assumindo que isso de fato se dá, qual seria a explicação para tal diferença? A diferença é que além de serem afetados (como os guetos do passado) pelos males da segregação racial e do confinamento territorial, os hiperguetos de hoje são também sujeitados a mais duas humilhações. Uma é a exclusão permanente do trabalho rentável, que atinge muitos de seus residentes com potencial produtivo. A outra é a repressão violenta, interminável, irascível e indiscriminada de seus residentes pela polícia e pelo sistema carcerário, ambos em sintonia com o poder Judiciário. O impacto conjunto dessas forças poderia garantir a inabilidade do hipergueto em desenvolver-se e sustentar suas formas importantes de capital social. Mas, se assumirmos isso, como Wacquant parece fazer, estaremos ignorando lições sociológicas importantes de uma longa linhagem de teóricos da mobilização de recursos, que vai desde Marx a Dahrendorf, Tilly e Collins, que dizem respeito às condições sob as quais se espera que populações subjugadas, contra toda e qualquer expectativa, consigam levantar-se e assumir o controle dos seus interesses coletivos. No passado, enfiar judeus em guetos não os impediu de montar uma infra-estrutura eficiente de instituições locais. De fato, sua concentração em guetos talvez tenha sido um fator importante para o fomento de sua capacidade organizacional. Assim, também, a hostilidade contra judeus pela sociedade em geral e seus agentes repressores pode ter provocado um aumento da solidariedade entre eles.

Mas e os hiperguetos de hoje³? Por acaso há uma razão *a priori* para duvidar de que, tendo os recursos necessários, as “subclasses” (*Untermenschen?*) que os habitam são menos capazes de criar uma infra-estrutura institucional que alimente suas necessidades básicas? Penso que não. Inclusive, à primeira vista, o potencial organizacional dos hiperguetos do século XXI pode mostrar-se maior do que o de seus predecessores. Primeiramente porque a população dessas subclasses é menos dócil e menos acomodada,

em relação à sociedade geral e a suas agências, do que as populações dos guetos do passado. Em segundo lugar, dado que as condições de vida dos hiperguetos são mais extremas do que as dos guetos históricos, os que sobrevivem em tais condições são mais resistentes e menos intimidados pela violência ou pela ameaça de violência por parte dos poderes da sociedade geral. Em terceiro lugar, mais importante para os nossos tempos é o fato de que agora eles têm a opção de aderir ao Islamismo, incluindo as versões mais radicais dessa religião que se espalha pelo mundo e que embarcou em uma guerra santa contra o Ocidente e aquilo que ele representa. Bem ou mal, o Islã em geral e o Islã radical em particular têm representado para os banidos do nosso planeta de hoje o que os movimentos comunistas e socialistas representaram para seus predecessores no século XX⁴. Ao converterem-se para o Islamismo os residentes dos hiperguetos colocam-se à disposição de um arsenal vasto de recursos críticos – materiais, é claro, mas também e principalmente organizacionais, ideológicos, simbólicos, culturais e espirituais – que essa religião pode-lhes oferecer, principalmente nos dias de hoje. Isso sugere que as formações sociais que Wacquant caracteriza de maneira pessimista como hiperguetos podem ser concebidas como *guetos-em-si mesmos que, dados os recursos necessários, podem tornar-se guetos-para-si mesmos*. E mais: se esses guetos-para-si mesmos materializarem-se, poderemos estar certos de que serão de um tipo completamente inusitado. Além de serem em grande parte autogovernados, autocontidos e auto-suficientes como os guetos de outrora, podemos ter certeza de que os novos guetos serão desafiadores (e até desdenhosos) da sociedade anfitriã e seus constituintes, disciplinados, paramilitarizados, equipados com armas de destruição em massa e prontos para usá-las, não somente em defesa própria contra as forças de segurança como também ofensivamente contra concentrações de civis e centros nervosos da sociedade anfitriã.

Se existe verdade no que digo, isso pode ter consequências marcantes para a história do mundo deste século. Um cenário possível já se está

² Assim, Wacquant argumenta que há muito *menos* capital social nas *inner cities* de hoje nos EUA do que havia nos cinturões negros antes dos anos 1960.

³ Convido aqui o leitor a saltar para o “Excurso” do final do texto e retornar em seguida.

⁴ E aquilo que o movimento democrático lançado pela Revolução Francesa representou para os excluídos do século XIX.

formando e seus primeiros traços estão materializando-se ante nossos olhos, em que a grande guerra de classes prevista entre Despossuídos e Proprietários não se concretizará da forma prevista anteriormente. Não haverá batalhas em ruas bloqueadas, nem guerrilhas nas áreas rurais e nem uma guerra de armagedão iniciada por um dos estados da periferia do sistema mundial contra os estados centrais. Ao invés disso, haverá a luta de classes do futuro, lançada pelos despossuídos alojados em seus guetos urbanos espalhados pelo mundo, cada um cravado no coração dos centros urbanos de países capitalistas. Será uma guerra de agressões letais vindas de dentro das bases urbanas, por guerrilheiros competentes e motivados (“homens-bomba” e outros “terroristas”), cujo objetivo é causar o caos e a destruição na sociedade. Isso, naturalmente, traz-me à nossa situação aqui em Israel.

Na última sentença de seu texto Wacquant escreve que “os campos de refugiados que se alastram hoje em dia [...] nos territórios ocupados da Palestina parecem-se cada vez mais com um cruzamento entre os guetos do final do medievo europeu e *gulagui* gigantes”. No entanto, essas metáforas não são as melhores para o caso em discussão. Qualquer um que tenha acompanhado os desenvolvimentos no Oriente Próximo, principalmente nos últimos 15 a 20 anos, deve ter testemunhado o processo aparentemente interminável por que o Estado de Israel (entre todos os estados!!!) implementou políticas de hiperguetização das populações árabes sob seu controle crescentemente mais duras e mais escandalosas – políticas de “estigmatização”, confinamento, miséria e repressão militar. Apesar dessas políticas duras, ou talvez justamente devido a elas, os palestinos têm sobrevivido de uma forma ou de outra – inclusive com a ajuda de fora –: primeiro, para armar e operar variadas instituições que coordenam seus negócios internos e externos e, segundo, para unir suas diversas partes sob a bandeira da unidade nacional e para produzir e sustentar uma base de apoio popular aos irredentistas⁵, qualquer que seja a resistência e

oposição feita pelo Estado de Israel. Se são necessários exemplos concretos das “conseqüências imprevistas e indesejadas” das políticas públicas de “hiperguetização” dos palestinos praticadas por Israel, consideremos os feitos impressionantes, e aparentemente inesperados, do Hamas nos últimos 20 anos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia (MISHAL & SELA, 2000); ou, então, em um exemplo um pouco mais familiar, as conquistas igualmente impressionantes do movimento islâmico em Umm-el-Fahm (RABINOWITZ, 2001) e em outras partes da Galiléia.

Os campos de refugiados palestinos não são um cruzamento entre os guetos medievais e os *gulagui*. Eles são, na verdade, protótipos de formação social do século XXI que, sinto dizer, vieram para ficar, para “frutificar e multiplicar” pelo mundo afora. Se Marx tivesse a chance de reescrever o *Manifesto* adaptando-o aos nossos tempos, ele talvez revisasse seu famoso clamor e dissesse: “Habitantes dos guetos do mundo: univos! Vocês não têm nada a perder: a não ser os muros!”.

EXCURSO SOBRE HIPERGUETOS E *SLUMS* DE CLASSE BAIXA

A uma certa altura em seu excelente artigo, Wacquant assusta o leitor ao caracterizar os *banlieues* da França como “antiguetos”. (Essa caracterização também se aplica às favelas do Brasil, às *villas miseria* da Argentina e a todos os outros *slums* de classe baixa.) Isto é, não contente em declará-los diferentes dos hiperguetos, Wacquant ousa ainda mais e declara-os diametralmente opostos aos hiperguetos! Seu raciocínio, ao apresentar esse argumento surpreendente e provocativo, é impecável em sua lógica: diferentemente dos hiperguetos afro-americanos, esses *slums* são primordialmente o resultado do conflito de classes e não de “políticas de clausura e controle etno-raciais” comandadas pelo Estado. Mesmo se isso fosse verdade, Wacquant erra ao fiar-se em demasiado em parâmetros teóricos, porque, mesmo que os *banlieues* da França (e outras mil formações sociais do tipo pelo mundo afora) não tenham a mesma etiologia dos guetos e hiperguetos, eles têm duas características cruciais em comum. A primeira diz respeito à existência de muitas semelhanças objetivas entre os dois, algo que um sociólogo não pode deixar de lado: altos índices de desemprego;

⁵ Palavra de origem italiana que nomeia aquele que luta pela retomada de território historicamente pertencente ao seu grupo nacional, cultural ou religião, e que ora está sob domínio estrangeiro (nota dos tradutores).

repressão brutal da polícia; gangues armadas comandando as ruas; violência sangüinolenta por todo lado; tráfico de drogas; altos índices de vício, alcoolismo, estupro, prostituição, abuso e famílias apartadas; som alto; *rap* e, o mais importante de tudo, a ausência de instituições de serviço social. A segunda é que, como Wacquant mesmo diz, os *banlieues* “são desmoralizados no discurso público e chamados de ‘guetos’ e seus habitantes têm um sentimento vivo de serem confinados a um ‘espaço penal’ permeado de tédio, angústia e desespero”. Em outras palavras, tanto objetiva como subjetivamente, residentes de *banlieues* são a versão francesa do hipergueto negro norte-americano. Portanto, não é nenhuma surpresa vê-los expressar sentimentos sobre si mesmos e sobre a sociedade que os engloba com uma retórica semelhante à que circula nos hiperguetos negros norte-americanos. Falando francamente, não faz grande diferença para os residentes dos *banlieues* se esses de fato sejam o resultado de políticas do Estado de confinamento e controle etno-racial ou da dinâmica de conflito de classe. O que importa – para nós – é que *eles* não parecem ter dúvida de que estão onde estão por causa de um racismo implacável da sociedade anfitriã e de suas agências.

Assim sendo, conclui-se que, em termos do seu potencial social organizacional, os *banlieues* não são antiguetos mas sim “quase-guetos”, isto é, “guetos-em-si mesmos” esperando tornar-se “guetos-para-si mesmos” ou, como Dahrendorf diz, “grupos de quase-conflito” esperando tornar-se grupos de conflito real. O que proponho, portanto, é que Wacquant considere uma definição adicional, igualmente realista, precisa e “robusta” das formações sociais que tem pesquisado e teorizado com tamanha acuidade. Essa definição seria prospectiva, antecipatória (em termos de seu potencial de organização para o futuro, dado o influxo necessário de recursos) e complementar a sua definição retrospectiva dos guetos (em termos dos fatores e condições que lhes deram origem). Proponho que o *páthos* metafísico do pessimismo – mesmo que indignado e cheio de ira – que permeia os escritos de Wacquant sobre os hiperguetos, os sistemas carcerários e os *slums* de classe baixa dê espaço para uma visão mais realista e até mais otimista deles, principalmente no que concerne ao influxo de recursos reais e potenciais para um Islã entrincheirado e cada vez mais expansionista e militante.

Sasha Weitman (sashaw@post.tau.ac.il) é Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade de Washington em St. Louis (Estados Unidos) e Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Tel-Aviv (Israel).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MISHAL, S. & SELA, A. 2000. *The Palestinian Hamas : Vision, Violence, and Coexistence*. New York : Columbia University.

RABINOWITZ, D. 2001. De Toqueville in Um Al-Fahem. In : OFIR, A. & YOAV, P. (eds.). *Israel – From Mobilized Society to Civil Society*. Hakibbutz : Hameukhad and Van-Leer Jerusalem Foundation.